



## BALANÇA

«Mesmo uma vida feliz não pode existir sem um pouco de escuridão, e a palavra felicidade perderia o seu significado se não fosse equilibrada por um pouco de tristeza.»

— Carl Jung



# CAPÍTULO UM

## Kira

«Nada temas, meu amor, o universo procura sempre o equilíbrio. Os seus caminhos podem ser misteriosos, mas são sempre justos.»

— Isabelle Dallaire, «Avozinha»

Numa longa lista de dias maus, este estaria no topo, e eram apenas nove da manhã. Saí do carro, inspirei fundo o ar perfumado do verão e caminhei em direção ao Banco de Napa Valley. A manhã quente vibrava ao meu redor, e o doce aroma a jasmim fazia-me cócegas no nariz. A tranquilidade transmitida por toda aquela beleza parecia errada, o meu humor contrastando diretamente com o dia cálido e ensolarado. Achei que era uma ideia um pouco arrogante, como se o tempo se expressasse através do meu humor. Suspirei enquanto abria a porta de vidro do banco.

— Posso ajudá-la? — perguntou uma morena simpática, enquanto me aproximava do seu balcão de atendimento.

— Sim — respondi, retirando o meu documento de identificação e a minha antiga caderneta de poupança da mala. — Quero encerrar esta conta. — Deslizei as duas coisas na sua direção. Um canto da caderneta estava dobrado, revelando os números que a minha avozinha anotara quando me ensinou a verificar os depósitos de dinheiro. Esta recordação partiu-me o coração, mas forcei o que esperava ser um sorriso alegre quando a jovem abriu a caderneta, e começou a digitar o número da conta.

Pensei no dia em que abrimos a conta. Eu tinha dez anos e a minha avozinha levou-me pela mão até ali, onde orgulhosamente depositou os cinquenta dólares que me deu em troca de a ter ajudado no jardim durante todo o verão. Ao longo dos anos, viemos a este banco muitas vezes, sempre que eu ia a sua casa em Napa. Foi ela quem me ensinou que o verdadeiro valor do dinheiro estava em partilhá-lo, em usá-lo para ajudar os outros, e que também representava um certo tipo de liberdade. O facto de eu atualmente ter pouco dinheiro, escassas opções e todos os meus bens materiais estarem no porta-bagagens do meu carro eram uma prova de que ela tinha razão. Naquele momento, eu era tudo menos livre.

— Dois mil e quarenta e sete dólares e dezasseis céntimos — anunciou a funcionária, olhando para mim.

Assenti com a cabeça. Era um pouco mais do que eu esperava. *OK*. Isso era bom. Eu precisava de cada céntimo. Juntei as mãos sobre o balcão e expirei lentamente enquanto aguardava que ela contasse o dinheiro.

Assim que o dinheiro estava seguro dentro da minha mala e eu tinha liquidado a conta, desejei um bom-dia à empregada, e dirigi-me para a porta. Quando avistei um bebedouro, mudei de direção para fazer uma breve pausa. Tinha usado o ar condicionado do carro com moderação para poupar combustível e, por isso, estava constantemente com calor e sede.

Quando a água fria tocou os meus lábios, ouvi umas vozes vindas de um gabinete próximo.

— Grayson Hawthorn, prazer em conhecê-lo.

Fiquei imóvel, depois ergui-me devagar, usando o polegar para limpar distraidamente a água do lábio inferior. Grayson Hawthorn... *Grayson Hawthorn*? Conhecia este nome, lembrava-me da sua força sonora da forma como o repetira em sussurro para ouvir como soava nos meus lábios naquele dia no escritório do meu pai. Pensei no olhar rápido que lancei para o dossiê que o meu pai fechara assim que pousei a bandeja de café na sua secretária. Será que era o *mesmo* Grayson Hawthorn?

Dei uns passos e espreitei pela esquina, mas tudo o que vi foi uma porta fechada, com a persiana da janela abaixada. Ainda movida pela curiosidade, caminhei até à casa de banho do outro lado do corredor,

em frente ao escritório ocupado pelo Grayson Hawthorn. *Muito intro-metida, Kira?*

Uma vez dentro do cubículo, fechei a porta e encostei-me à parede. Eu nem sabia que o Grayson Hawthorn morava em Napa Valley. O seu julgamento tinha ocorrido em São Francisco, por isso ele deve ter cometido o crime lá. Não que eu soubesse qual era a acusação, apenas sabia que o meu pai demonstrara um breve interesse pelo crime. Mordi o lábio e fui até ao lavabo, onde me olhei ao espelho enquanto lavava e secava as mãos.

Ao sair da casa de banho, vi um homem de fato, provavelmente um executivo do banco, a entrar no escritório do outro lado do corredor. Ele bateu com a porta atrás de si, mas esta ficou ligeiramente entreaberta, permitindo que ouvisse algumas palavras de apresentação. Hesitei, encostando a porta da casa de banho quase até fechar, e fiquei ali, a tentar ouvir.

*A sério, Kira... Que bisbilhoteira sem vergonha.* Uma invasão da privacidade daquele homem. E, pior ainda, era inútil. *A sério, Kira, o que há de errado contigo?* Ignorando a minha própria censura, aproximei-me mais da fresta na porta.

Eu apagaria este momento tão pouco estelar das minhas memórias. Ninguém precisava de saber.

Algumas palavras flutuaram até mim.

— Lamento muito... condenado... não podemos conceder... este banco... infelizmente...

Condenado? Sim, *tinha* de ser o Grayson Hawthorn que pensei que fosse. Que estranha coincidência do destino. Sabia muito pouco sobre ele. A única coisa que realmente sabia era o seu nome, o facto de que foi acusado de um crime e de o meu pai ter participado, usando-o como um peão. Eu e o Grayson Hawthorn tínhamos isso em comum. Não que fosse provável que o meu pai se lembrasse do nome de um homem, quando arruinava vidas com tanta regularidade e pouco remorso. De qualquer forma, porque é que eu estava a tentar ouvir a sua conversa privada de dentro de uma casa de banho? Não sabia bem. No entanto, um dos meus defeitos confirmados era o excesso de curiosidade. *OK, já chega de me meter na vida dos outros.* Respirei fundo e comecei a abrir a

porta para sair quando ouvi o rangido das pernas da cadeira, estaquei mais uma vez. As palavras do outro lado do corredor chegavam agora mais claras, provavelmente porque se tinham aproximado da porta.

— Lamento não podermos aprovar-lhe um empréstimo, senhor Hawthorn. — A voz masculina que falou parecia pesarosa. — Se valesse mais...

— Eu comprehendo. Obrigada pela sua disponibilidade, senhor Gellar — respondeu a outra voz masculina, imaginei que fosse o Grayson.

Tive um breve vislumbre da figura masculina alta, de cabelos escuros e fato cinzento antes de voltar para dentro da casa de banho, fechando a porta outra vez. Lavei as mãos de novo para ganhar tempo e saí. Ao passar pelo escritório onde o Grayson Hawthorn estivera, olhei para dentro. Havia um homem sentado atrás da secretária de fato e gravata, e parecia concentrado no que estava a escrever.

Saí para o dia ensolarado e quente, e entrei no carro, que deixara estacionado mais acima na rua. Fiquei ali sentada durante um minuto, a olhar pelo para-brisas para o pitoresco centro da cidade: toldos impecáveis enfeitavam as fachadas dos estabelecimentos comerciais e grandes vasos de flores coloridas adornavam os passeios. Adorava Napa, desde o centro até à beira do rio, passando pelas vinhas circundantes, com as árvores carregadas de frutos maduros no verão, e flores amarelas e ocres no inverno. Foi para ali que a minha avozinha se mudara depois da morte do meu avô, e onde passava os verões na sua casa estilo chalé, com um alpendre coberto na entrada. Para onde quer que olhasse, via-a, ouvia a sua voz, sentia o seu espírito carinhoso e vibrante. A minha avozinha costumava dizer: «Hoje pode ser um dia muito mau, mas amanhã pode ser o melhor dia da tua vida. Só tens de aguentar até lá.»

Inspirei fundo, tentando afastar o sentimento de solidão. *Oh, avozinha, se ao menos estivesses aqui! Abraçavas-me e dirias-me que tudo vai ficar bem. E como serias tu a dizer-lo, eu ia acreditar.*

Fechei os olhos e recostei-me.

— Ajuda-me, vó. Sinto-me perdida. Preciso de ti. Dá-me um sinal. Diz-me o que devo fazer. Por favor. — As lágrimas que contive durante tanto tempo faziam-me arder os olhos e ameaçavam cair.

Suspirei ao abrir os olhos, um movimento no espelho lateral do passageiro chamou-me imediatamente a atenção. Ao virar a cabeça, avistei um homem alto e bem-constituído de fato cinzento como o que tinha visto dentro do banco... o Grayson Hawthorn. Estremeci e sustive a respiração. Ele estava encostado ao edifício ao lado do meu carro, à direita do meu para-choques traseiro, no sítio perfeito para conseguirvê-lo claramente no meu espelho sem precisar de me mexer. Afundei-me um pouco no meu assento, reclinei-me e virei a cabeça para observá-lo.

A sua cabeça estava apoiada no edifício atrás dele e tinha os olhos fechados com uma expressão de dor. E, meu Deus, ele era... arrebatador. As suas feições eram esculpidas como se fosse um cavaleiro de armadura brilhante. Tinha o cabelo quase preto e usava-o comprido, fazendo com que se enrolasse levemente em volta da gola da camisa. Porém, o mais devastador eram os seus lábios, cheios e tão sensuais que eu queria olhar para eles repetidas vezes. Semicerrei os olhos, tentando absorver cada detalhe do seu rosto antes de descer para a sua longa figura. O seu corpo, elegante e musculado, possuía o mesmo magnetismo viril do seu rosto. Tinha os ombros largos e a cintura estreita.

*Oh, Kira! Não tens tempo para admirar condenados bonitos no passeio. Tens preocupações mais urgentes. Não tens casa e bem, francamente, estás desesperada. Se te queres focar em alguma coisa, foca-te nisso. OK, exceto... que era incapaz de desviar o olhar. Que crime teria ele cometido, afinal? Tentei concentrar-me noutra coisa, mas algo nele atraía-me. E não era só aquela beleza surpreendente que me chamou a atenção. Havia algo na expressão do seu rosto que me era muito familiar, como se falasse diretamente ao que eu estava a sentir naquele exato momento.*

*Se valesse mais...*

— Também estás desesperado, Grayson Hawthorn? — murmurei.

Enquanto o observava, ele moveu a cabeça e massajou a têmpora, olhando ao redor. Uma mulher passou por ele e virou a cabeça, examinando-o de cima a baixo. Ele pareceu não notar, e ela, felizmente, virou-se para a frente a tempo de evitar colidir com um poste de iluminação. Soltei uma risada. O Grayson continuava a olhar para o horizonte. Enquanto o observava, um homem claramente sem-abrigo

aproximou-se do lugar onde ele estava, segurando o chapéu em direção às pessoas que passavam. Todas se apressavam, desviando o olhar de forma desconfortável.

Quando ele se aproximou do Grayson, franzi os lábios. *Lamento muito, velhote. Parece-me que a pessoa a quem estás a pedir ajuda está ela também numa situação bastante precária.* Mas, para minha surpresa, quando o velho se aproximou dele, o Grayson enfiou a mão no bolso e, após uma breve hesitação, tirou algumas notas. Da minha posição eu não tinha a certeza, mas pareceu-me que ele esvaziara a carteira para dar o conteúdo ao velhote. Ele acenou com a cabeça enquanto o homem agradecia com uma ansiedade frenética. Depois de observar o velho a afastar-se, o Grayson seguiu na direção oposta e virou a esquina, desaparecendo da minha vista.

*Observa o que as pessoas fazem quando pensam que ninguém está a ver, querida. É a melhor maneira de saber como elas realmente são.*

As palavras da minha avozinha flutuaram pela minha mente, como se ela tivesse falado de algum lugar junto do carro. O toque estridente do meu telemóvel apanhou-me de surpresa, e soltei um arquejo antes de pegar na minha mala no banco do passageiro para procurá-lo.

Era a Kimberly.

— Olá — sussurrei.

Um momento de silêncio.

— Kira? Porque é que estás a sussurrar? — Ela também estava a falar num tom de voz baixo.

Tossiquei e recostei-me no banco.

— Desculpa, o toque do telefone assustou-me. Estou em Napa Valley, dentro do carro.

— Conseguiste encerrar a conta?

— Sim. Havia pouco mais de dois mil dólares.

— Bem, isso é ótimo. É alguma coisa, certo?

Suspirei.

— Sim. Vai ajudar-me a aguentar um tempo.

Ouvi os filhos da Kimberly a rirem ao fundo, e ela fez sinal para eles se calarem, cobrindo o telefone com a mão e falando com eles em espanhol, antes de voltar para mim e dizer:

— O meu sofá é sempre teu se precisares.

— Eu sei. Obrigada, Kimmy.

Porém, não podia fazer isso à minha melhor amiga. Ela e o marido, o Andy, moravam num pequeno apartamento em São Francisco com os filhos gémeos de quatro anos. A Kimberly engravidou aos dezoito anos e, mais tarde, soube da chocante notícia de que eram dois. Ela e o Andy tinham conseguido superar as dificuldades até agora, mas o caminho não tinha sido nada fácil. A última coisa de que precisavam era que uma amiga ocupasse o sofá e acrescentasse uma fonte de tensão à família. *És uma sem-abrigo. Não tens casa.*

Respirei fundo.

— Eu vou arranjar um plano — disse, uma sensação de determinação substituiu o desespero que tomou conta de mim durante toda a manhã. O rosto do Grayson Hawthorn surgiu na minha mente. — Kimmy, já alguma vez sentiste que... tinhas de seguir um caminho? Como se visses muito claramente o que deves fazer?

A Kimberly ficou em silêncio por um momento.

— Oh não! Não. Eu conheço esse tom. Significa que estás a tramar algo que tentarei tirar da tua cabeça, provavelmente sem sucesso. Não vais voltar ao plano de pôr um anúncio para arranjar um marido, pois não? Porque se for esse o caso...

— Não. — Clareei a garganta. — Pelo menos, não exatamente.

A minha amiga soltou um gemido.

— Tiveste outra daquelas Ideias Muito Más, não foi? Algo completamente absurdo e, potencialmente, perigoso.

Eu sorri apesar de tudo.

— Ah, para com isso! Essas ideias que chamas sempre de Muito Más raramente são ridículas e perigosas.

— E daquela vez que pensaste em comercializar a tua própria máscara natural, feita com ervas do teu jardim?

Curvei mais os meus lábios, conhecia o jogo dela.

— Ah, isso...! A minha fórmula foi quase perfeita. Na verdade, faltava pouco para conseguir. Se a pessoa que se ofereceu para testar não fosse...

— A minha cara ficou verde. Só saiu ao fim de uma semana. Na semana da *foto* da escola.

Ri-me.

— *OK, OK*, essa ideia não correu lá muito bem, mas tínhamos dez anos.

— Saímos às escondidas para ir à festa do Carter Scott quando tínhamos dezasseis anos...

— Isso teria funcionado se...

— Os bombeiros tiveram de nos resgatar do telhado de tua casa.

— Nunca foste muito corajosa... — respondi com um sorriso.

— Ou daquela vez em que estavas em casa, nas férias de verão da universidade, e organizaste aquele jantar temático japonês, onde todos tivemos de usar quimonos, e quase mataste toda a gente.

— Um erro na escolha dos ingredientes. Quem diria que precisavas de uma licença especial para cozinhar aquele peixe específico? De qualquer forma, isso foi há muito tempo.

— Isso foi há dois anos. — Ela disse isto sem qualquer inflexão na voz, embora eu soubesse que estava a conter o riso.

— Pronto, já percebi o teu ponto de vista, espertinha. E, apesar disso, amas-me na mesma.

— É verdade. — Ela suspirou. — Não consigo evitar. És completamente adorável.

— Bem, isso é discutível, acho eu.

— Não — disse ela com firmeza. — Não é. O teu pai é um idiota, mas já sabes o que penso sobre esse assunto. Querida, precisamos de conversar sobre o que aconteceu. Já faz um ano. Eu sei que voltaste agora, mas se precisares...

— Ainda não — disse suavemente, abanando a cabeça, embora ela não pudesse ver o movimento do outro lado do telefone. — E obrigada por me fazeres rir. Mas a sério, Kim, estou a passar por uma situação muito complicada. Talvez uma Ideia Muito Má seja exatamente aquilo de que preciso. — Não pude evitar o suspiro que acompanhou a frase.

A Kimberly sempre me animou, mas, na verdade, eu estava assustada.

— Eu sei, Kira — respondeu com simpatia. — E, infelizmente, estás determinada a não usar nenhum dos contactos profissionais do teu pai.

Talvez tenhas de procurar um emprego como empregada de mesa até descobrires o que fazer a seguir.

Soltei um suspiro.

— Talvez, mas queres mesmo que eu fique perto de qualquer local onde a comida seja preparada?

— Tens razão. — Percebi a diversão na sua voz. — O que quer que decidas, vamos ser sempre as Kira e Kimmy Kats, certo? Sempre. Somos uma equipa — garantiu, lembrando-me o nome do grupo que formámos quando tínhamos doze anos e eu tinha pensado em cantar nas ruas em troca de dinheiro. Vira um anúncio na televisão sobre crianças na Somália que não tinham o suficiente para comer e o meu pai não quis dar-me dinheiro para patrocinar uma delas. No final, fomos apanhadas a sair de casa vestidas com «disfarces» extremamente inadequados que eu fizera com papel e fita adesiva. O meu pai pôs-me de castigo durante um mês. A mãe da Kimberly, que trabalhava como empregada na nossa casa, deu-me os vinte e dois dólares de que eu precisava para alimentar e educar o Khotso naquele mês, e também me deu o dinheiro que faltava nos meses seguintes.

— Sempre — disse. — Amo-te, Kimmy Kat.

— Amo-te, Kira Kat. Tenho de ir, estes rapazes estão fora de controlo. — Ouvi o Levi e o Micah a gritar e a rir no fundo, seguido pelo som de pezinhos a correr. — Parem de correr, crianças! E não *gritem!* — gritou a Kimberly, tirando o telefone da boca por um momento. — Vais ficar bem esta noite?

— Sim, vou. Acho que posso até dar-me ao luxo de alugar um quarto num hotel barato aqui em Napa, e depois dar um passeio ao longo da margem do rio. Isso faz-me sentir próxima da avozinha. — Não mencionei que, naquela manhã, tinha feito a mala à pressa antes de descer pela escada de incêndio do apartamento, que o meu pai estava a pagar, enquanto ele gritava e batia à porta. E que agora essas coisas todas estavam no porta-bagagens do carro. A Kimberly ficaria preocupada se soubesse e, por enquanto, eu tinha algum dinheiro e uma ideia... uma Ideia Muito Má a flutuar na minha cabeça.

Na minha ilustre história de Ideias Muito Mais, esta podia ser a melhor.

Claro, tive de fazer uma pesquisa completa antes de tomar uma decisão, e uma lista de prós e contras, algo que sempre me ajudou a ver as coisas com mais clareza. Embora isso exigisse alguma diligência.

A Kimberly suspirou.

— Deus lhe dê descanso. A tua avó era uma mulher incrível.

— Sim, era — concordei. — Dá um beijo aos miúdos por mim.

Ligo-te amanhã.

— *OK*. Falamos nessa altura. E Kira, estou tão feliz por estares de volta. Tive muitas saudades tuas.

— Eu também. Tchau, Kimmy.

Desliguei e fiquei no carro por mais alguns minutos. Em seguida, peguei de novo no telefone para começar a fazer pesquisas *online*. E também comecei a procurar um quarto que pudesse pagar.